

Deve-se ou não saber a verdade sobre a crise?

GAZETTA MERCANTIL

25 AGO 1983

Mário Amato (*)

Devemos ou não conhacer a verdade?



Existe entre nós uma e no me preocupação em esconder a realidade quando ela é desagradável. E essa preocupação, parece, já faz parte da alma nacional. O povo brasileiro, pelo clima tropical do nosso país, pela riqueza do subsolo, pelo seu folclore, pela sua música e pela sua poesia, pelo seu principal esporte, enfim, pela sua contagian- te alegria, tem por tradição esconder as suas próprias amarguras.

Veja-se, por exemplo, como em todas as camadas da sociedade é comum esconder-se as doenças quando elas são graves. Geralmente, quando se lê uma notícia de falecimento na qual está escrito que ele ocorreu após longa enfermidade do falecido, pode-

se estar certo de que a pessoa morreu de câncer. E os familiares e os amigos escondem a doença como se fosse um crime morrer de câncer.

O mesmo ocorre em se tratando da administração pública. Os nossos governantes, por sua formação humanitária (em alguns casos por má fé, mesmo), procuram sempre esconder do povo a realidade do País. Ora, para curar o doente é preciso que se saiba o mal que o aflige, a fim de que os médicos lhe receitem o remédio certo.

Em se tratando do povo brasileiro, é bom não esquecer que ele é adulto, responsável e consciente, e que está sempre disposto a colaborar para solucionar os muitos problemas nacionais, alguns dos quais não só não foram por ele gerados como também o foram à sua revelia.

No atual quadro de crise generalizada, o povo deseja saber qual a sua real dimensão para que possa aceitar, sem repulsa, o re-

médio que for receitado, mesmo que ele seja por demais amargo.

O Brasil nunca esteve tão doente. No entanto, no momento não vem ao caso procurar saber quem é o responsável maior ou menor pelo mal brasileiro. O que interessa saber é quais são as providências a serem adotadas para tirar o País da crise. Temos de sair e vamos sair da atual situação de dificuldades. Só que não nos podemos permitir devaneios. É preciso — isso sim — adotar providências enérgicas, mas que estas tenham a colaboração total da sociedade.

Para isso é indispensável que se diga ao povo toda a verdade sobre o mal de que sofre a Nação, pois do contrário não poderá haver colaboração. Ninguém colabora com causas desconhecidas. E os políticos, que devem saber interpretar os anseios nacionais, devem também aprender a compatibilizar o querer com o poder e o ser com o ter.

Quer dizer, é preciso querer resolver a crise para usar bem o poder; e é preciso pensar mais em ser do que em ter, pois só assim terminarão (ou pelo menos diminuirão) os privilégios odiosos.

A iniciativa privada tem-se esforçado para colaborar, não só opinando na medida do possível mas também procurando eliminar o caráter perverso que possa ter o sistema de economia capitalista. Por isso, o empresariado luta para que seja retomado o desenvolvimento econômico do País, a fim de afastar a instabilidade ora reinante entre os trabalhadores e, também, entre os empregadores.

A Nação reclama, portanto, por um Poder Legislativo atuante, que não receie nem tema as pressões; um Poder Judiciário capaz de distribuir justiça rápida e barata; um Poder Executivo objetivo e prático, desburocratizado, consciente dos seus deveres para com a Nação, e, finalmente, um

Poder Militar voltado para suas tarefas específicas ligadas à geração de segurança nos seus dois aspectos: a segurança externa e a segurança interna.

O País não pode viver ignorando a sua própria realidade. E esta só se torna de fato conhecida quando é levada, leal e francamente, ao conhecimento do povo. Daí perguntar-se:

O quadro político atual está ajudando a Nação a sair da crise?

Os representantes do povo estão contribuindo de alguma maneira para curar os males do País?

Os militares, voltados às vezes para missões de governo mais do que para atividades próprias, estão colaborando para tirar o País da crise em que se debate?

Entim, além de informar o povo, a opinião pública, sobre as dificuldades nacionais, é preciso indicar quem está ajudando a vencê-las.

(*) Vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo